

Introdução

A Torá, sem sombra de dúvidas, é o livro que mais impactou a história da humanidade. Arrebatando multidões e transformando culturas, foi por seu intermédio que conceitos como amor ao próximo, acolhimento ao imigrante, descanso semanal da jornada de trabalho, além da fé em um único Deus, chegaram praticamente a todo o planeta.

Seus ensinamentos vêm intercalados por histórias que narram desde a Criação do Mundo, no Gênesis, até a entrada do povo de Israel à Terra Prometida, no Deuteronômio. E se na cultura popular ela é tomada como a palavra de Deus, de modo literal, na tradição judaica ela é vista, de modo mais complexo, como um combinado de caracteres que, enquanto tratam na superfície de histórias e leis, em suas camadas mais profundas ela se relaciona com a dimensão oculta da alma, da existência e de seus propósitos espirituais.

Nas últimas décadas, com o advento da informática, fortaleceu-se a ideia, já antiga, de que o texto bíblico contém palavras cifradas que, dialogando com o relato onde aparecem, aludiriam a eventos que aconteceriam milênios depois, como, por exemplo, o Holocausto e a derrubada das Torres Gêmeas. Apesar de empolgar muitas pessoas, essa tese sofreu forte oposição por parte de alguns acadêmicos, que desde então vem travando verdadeiras batalhas ao redor do tema com rabinos e outros acadêmicos de renome que, por sua vez, defendem a tese.

Mas para além das questões estatísticas, surge uma pergunta intuitiva:

Não seria uma espécie de delírio associar um texto com elementos aparentemente tão simples com uma estrutura matemática tão complexa? Não seria mais adequado assumir que os códigos da Bíblia seriam meras coincidências casuais e procurar a profundidade das Escrituras em seus aspectos simbólicos e arquetípicos ou nas profecias já realizadas?

Como preencher o abismo existente entre os relatos aparentemente ingênuos referentes a Eva e à serpente e a ideia de um texto pautado em rígidos critérios matemáticos? Como associar as fabulosas idades dos filhos de Adão ou a ideia de uma arca de 150 metros na qual conteriam todas as dezenas de milhões de espécies de animais existentes, à complexidade matemática que os cabalistas atribuem à Torá?

Foi refletindo sobre estas questões que decidi procurar por uma resposta nos trechos mais intrigantes – e mais fantásticos – da Bíblia, onde o protagonismo é desempenhado pelos números, a saber:

- A construção da Arca de Noé e o Dilúvio,
- Os censos do povo de Israel,
- A obra do Tabernáculo.

Quiçá a aparente obsessão destas passagens com pesos, medidas e quantidades, que costumam deixar perplexos muitos dos leitores, contivesse as chaves para preencher o abismo citado anteriormente, de modo a permitir ao leitor comum transitar entre a superfície do texto e o seu misterioso subsolo, de modo racional e seguro, sem precisar do suporte da vontade de crer ou do acato de ideias em nome da tradição ou de inspirações.

Após muitos anos de pesquisas, completo esta obra convicto de que seus resultados, na forma de livro, possibilitarão ao grande público conhecer – e não somente acreditar – na existência de uma dimensão oculta das Escrituras, que contém mensagens que combinam Geometria e virtudes, Astronomia e propósitos, marcos temporais e arquétipos psicológicos edificantes, além da possibilidade futurística ventilada pelos códigos da Bíblia.

A você, caro leitor, desejo uma boa leitura e deixo uma observação importante: a análise feita neste livro segue a ordem dos textos da Torá que, por sua vez, trazem seus ensinamentos de modo cumulativo. Isto significa que os conceitos apresentados nos primeiros capítulos serão confirmados e melhor elucidados à medida em que os assuntos forem sendo desenvolvidos.

No decorrer da obra intercalo explicações matematicamente confirmadas com teses plausíveis. E enquanto algumas destas explicações resolverão, de modo definitivo, alguns dos maiores enigmas da Torá, outras, para as quais obtive somente evidências, o aceite ficará a cargo do leitor.

Sobre como cheguei ao conteúdo deste livro

Há 31 anos, quando iniciei meus estudos na *Yeshivá* (seminário rabínico), meu principal interesse era a dimensão secreta da religião – o *Sod* (segredos místicos) –, associada à Cabalá. Eu queria saber mais sobre o mundo espiritual, o propósito da Criação e, principalmente, entender a nossa missão nesta vida material. No entanto, por se tratar de uma instituição focada no estudo do Talmud, tive de relegar esse interesse para o segundo plano e mitigá-lo particularmente, por meio da leitura e de aulas a respeito. Apesar do encanto inicial, com o passar dos anos e do incremento do espírito crítico, fui tomado de certo ceticismo em relação à maioria das informações que ouvia a respeito desse tema, por diversas razões:

1. A maior parte delas não estava lastreada nas Escrituras, e em muitas, os indícios apresentados não eram fortes o suficiente para me convencer. O argumento da “autoridade” (“foi um grande rabino que falou!”) não satisfazia a minha sede de saber.
2. Com raras exceções, as informações apresentadas eram esparsas e desagregadas, e não compunham um sistema mais amplo, o que corroboraria uma ideia de intencionalidade e veracidade.
3. Muitas das interpretações ouvidas, principalmente as que envolviam cálculos numéricos, pareciam adaptadas por seus proposi-

tores de modo um tanto forçado, para que fossem aceitas pelos ouvintes. Ora, se a dimensão numérica das Escrituras era mesmo algo real, por que não havia evidências dela, claras e sistemáticas, nas histórias da Torá?

Tudo isso acabou gerando em mim certa incredulidade em relação à existência de “camadas ocultas” nos textos” sobre as quais ouvia falar desde a minha juventude. Ainda assim, nunca fechei as portas a tal possibilidade, mantendo-me alerta e atento durante as minhas leituras e estudos. Além da tradição, algo nos textos me dizia que certas alusões relacionadas ao *Sod* podiam ser reais.

Certa vez, há mais de dez anos, notei na passagem referente à construção do Tabernáculo um forte indício de que os números mencionados tinham um significado para além da literalidade. Tempos depois, ao estudar a passagem do Dilúvio, percebi, em meio às suas referências numéricas, mais uma evidência que logo se somou a outra, encontrada nas idades de Adão e seus descendentes. “Isso já é o suficiente para que eu escreva um livro interessante”, pensei.

De início, a obra trataria apenas daquelas referências. No entanto, no decorrer da escrita, dei-me conta de que aquilo que eu havia encontrado, muito mais do que fortes indícios, era na realidade uma poderosa “chave” que me permitia adentrar na dimensão oculta dos textos e acessar uma compreensão sistemática dos mesmos. E assim, em vez de escrever o livro, passei a dizer que “estava sendo escrito por ele”, dada a mudança que essa experiência causara em minha própria forma de olhar e perceber a Torá e, conseqüentemente, a minha própria existência.

Agora, ao menos para mim, a dimensão *Sod* é um fato incontável!

Outra grata surpresa durante a pesquisa e a escrita desta obra foi voltar a me deparar com várias afirmações que ouvira em nome de renomados cabalistas em algumas das principais obras consultadas sobre o tema – como *Zôhar*, *Sêfer Ietsirá*, *Néfesh Hachayim*, *Ets Chayim* etc. A diferença era que, agora, essas informações não mais

chegavam a mim de forma arbitrária e extemporânea, mas sim, como resultado de uma pesquisa cuja matéria-prima era apenas e tão somente os versículos da Torá e as chaves por mim encontradas.

Além dos estudos que me levaram aos resultados que ora apresento, encontrei outros que me parecem inéditos, o que agrega responsabilidade e peso maiores à obra.

É relevante ressaltar que, no decorrer do estudo, ao buscar mais informações a respeito do que eu encontrara, deparei-me na Internet com os resultados de importantes pesquisas que até então desconhecia, entre elas, as de Oren Evron – referentes ao número Pi e à sequência de Fibonacci – e as dos Rabinos Shemuel Yaniv e Yitzchak Ginsburgh, principalmente no tocante ao número 1.820, revelado pelo Rabino Zalman Pinchas Urwitz, elemento com o qual também me deparei em minhas investigações.

*

Finalizo agradecendo a Deus, à minha família, ancestrais, mestres e amigos, pela satisfação de poder compartilhar o resultado das minhas pesquisas com o grande público.

Rabino Gilberto Ventura



O sentido dos números na Torá

Os números na Torá representam, principalmente, *energias e forças* pelas quais o Criador realiza a Sua obra. Também são, no sentido mais amplo, objetos de organização e direcionamento espiritual e energético, não se limitando a ser meros agentes descritivos, conforme a grande maioria costuma pensar há milênios.

De acordo com uma leitura corriqueira da Torá, os números estariam ali presentes simplesmente para descrever como as coisas teriam acontecido. Deus teria demorado seis dias para criar o mundo e, como teria “descansado” no sétimo dia, estes dois números teriam sido consagrados: o seis, como o número da Criação, e o sete, como algarismo da sua consagração.

No entanto, se partirmos do pressuposto bíblico de acordo com o qual o Criador é onipotente e, portanto, poderia ter criado o universo inteiro em um milionésimo de segundo, seremos forçados a compreender que, muito longe de serem o “tempo que se dura para criar o mundo” e seu “dia de descanso”, o sentido e a escolha destes números teria sido feita, não com base na necessidade temporal, mas nas forças espirituais e conceituais que eles representam, de modo que, ao invés de virem para descrever a realidade, teriam vindo para defini-la.

O mesmo se aplica aos demais elementos numéricos da Torá, com cada um deles representando diferentes conceitos e energias que se relacionam de modo profundo com os temas abordados.

Há um interessante *Midrash** que, ao tratar os números como elementos estruturais, aponta para o equilíbrio existente entre as

forças celestiais e as forças terrenas investidas na Criação. Segundo o *Bereshit Rabá* 12:8, após o Gênesis haver iniciado com a concepção de “os céus e a terra”, empatando ambas no primeiro dia, nos demais dias seguiu alternando o foco da Criação entre o mundo celestial e o mundo terrestre. Esse equilíbrio foi mantido até mesmo na criação do ser humano que, tendo reunidos em si o espírito dos céus e o pó da terra, e possuindo o livre-arbítrio como instrumento, seria o responsável pelo desempate em função da vitória da alma e do espírito Divino – não contra a matéria, mas justamente utilizando-se dela e dos desafios por ela apresentados para engrandecer ainda mais a luz Divina que constitui a sua essência.

Ezra e o segredo do escriba

Nascido no quinto século antes da era comum, Ezra, o autor do Livro de Esdras da Bíblia, foi um dos líderes do retorno dos judeus à pátria de Israel ao cabo de 70 anos de exílio na Babilônia após a destruição do Primeiro Templo Sagrado de Jerusalém. Educador e carismático líder político, teve grande destaque como mestre das Escrituras e também como escriba, conforme indicado pelo título honorífico que é sempre acrescentado ao seu nome: Ezra, o Escriba – הַסּוֹפֵר (Neemias 8:1). Utilizado para se referir aos escribas (Salmos 45:2), etimologicamente, este termo não se relaciona ao exercício da escrita, mas sim, ao da contagem. A relação entre essas duas atividades pode ser encontrada numa passagem do Talmud** (TB *Kidushin* 30a), que destaca que os antigos escribas tinham na *contagem* das palavras e das letras da Torá uma importante ocupação, porquanto a ausência de uma simples letra ou a sua troca por outra, conforme dizia o Rabi Yishmael, “poderia causar a destruição do mundo”.

* Midrash – Coletânea de homilias sobre a Torá elaboradas e redigidas pelos mestres do Talmud.

** Talmud – Apresenta a Lei Oral por meio de tratados temáticos que contêm a elucidação da Mishná, versículos bíblicos, ética, filosofia, história e costumes, tendo sido concluído por volta do século VI da era comum.

Esta conexão entre a escrita correta e a integridade da Criação pode ser compreendida por meio de vários exemplos, inclusive pela notável conexão que parece existir entre as letras da Torá que abordam o projeto da Criação com o número Pi (π) e a sequência de Fibonacci, responsáveis pela forma, movimento e interação de grande parte dos elementos da existência uns com os outros.

As duas próximas seções – “A sequência de Fibonacci”¹ e “O número Pi (π) e a Torá”² – foram fortemente baseadas nas investigações do estudioso israelense Oren Evron.

E como no decorrer desta obra se fará uso de vários métodos para calcular o valor numérico das palavras – sistema conhecido genericamente como *guemátria* –, cabe citar aqui os nomes e os valores básicos das letras do alfabeto hebraico:

1	א	Álef	אָלֶף	30	ל	Lámed	לָמֶד
2	ב	Bêt	בַּיִת	40	מ (ם)	Mem	מֵם
3	ג	Guímel	גִּימָל	50	נ (ן)	Nun	נוּן
4	ד	Dálet	דָּלֶת	60	ס	Sámech	סָמֶךְ
5	ה	Hê	הָא	70	ע	Áyin	עַיִן
6	ו	Vav	וָאוּ	80	פ (ף)	Pê	פֶּא
7	ז	Záyin	זַיִן	90	צ (ץ)	Tsadi	צָדִי
8	ח	Chet	חֵית	100	ק	Cuf	קוּף
9	ט	Tet	טֵית	200	ר	Resh	רֵישׁ
10	י	Iod	יּוֹד	300	שׁ	Shin	שֵׁין
20	כ (ך)	Caf	כָּף	400	ת	Tav	תָּו

1. Evron, Oren. *הפלא המתמטי נחשף - מעשה בראשית - Fibonacci in the Torah - Genesis Golden Ratio*. <https://www.youtube.com/watch?v=OEitTICcVko>.

2. Evron, Oren. *קוד הבריאה חלק א' - החשיפה! קוד מתמטי עצום ומרגש נחשף בפסוק הראשון*. בתורה. <https://www.youtube.com/watch?v=bMD8fQuX1N4>.

A sequência de Fibonacci

Descoberta no século 12 pelo matemático italiano Leonardo Fibonacci, a sequência de Fibonacci, que também dá origem ao chamado “Número de Deus”, pode ser identificada na composição das proporções de inúmeros elementos da existência: do corpo humano ao formato dos braços das galáxias; das ondas do mar, passando pelas conchas, aos elementos subatômicos.

De modo que o assunto possa ser melhor compreendido, darei uma breve explicação sobre como chegar a ela.

Primeiro passo:

Anote os seguintes numerais: **0, 1**.

Segundo passo:

Some os dois algarismos acima e adicione o resultado da soma (1) à lista: **0, 1, 1**.

Terceiro passo:

Some os dois últimos algarismos da sequência (1, 1) e adicione à lista o resultado da soma, que é o 2: **0, 1, 1, 2**.

Quarto passo:

Repita a operação, somando os dois últimos números da sequência (1, 2), e adicione a eles o resultado (3): **0, 1, 1, 2, 3**.

Na continuação, some sempre os dois últimos números, acrescentando a eles o resultado, e assim sucessivamente:

0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144, 233, 377, 610, 987, 1597, 2584...

Esta é a sequência de Fibonacci que, conforme será visto, pode estar relacionada ao alfabeto hebraico mediante a aplicação de um método conhecido nos estudos da Cabalá como *Milui Otiot* (em português, “Preenchimento das Letras”), que consiste em escrever os nomes das letras hebraicas por extenso (ver a obra *Pardês Rimonim* 8:7, de autoria do Rabi Moshe Cordovero).

O mecanismo de *Milui Otiot*

A dinâmica de *Milui Otiot* se inicia a partir da grafia de uma letra, continuando na linha inferior com a escrita de seu nome por extenso. Nas linhas seguintes, cada uma das letras utilizadas para escrever o nome da primeira letra também terá seu nome escrito por extenso, e assim por diante. Para exemplificar, veja o que acontece ao se aplicar isso à letra H do alfabeto latino:

H	1 letra
Agá	3 letras
A, Ge, A	4 letras
A, Ge, E, A	5 letras

Surpreendentemente, há uma relação intrínseca entre as letras hebraicas e a sequência de Fibonacci. Ela se refere à coincidência do número de letras usadas a cada linha para descrever os nomes das letras utilizadas nas linhas anteriores, com a ordem dos algarismos pertencentes à famosa sequência de Fibonacci, conforme os exemplos na tabela abaixo.

Importante: As únicas letras que se encaixam neste padrão são as que compõem o nome por extenso da primeira letra do alfabeto, a *álef* (אָלֶף), composta pelas letras *álef* (א), *lámed* (ל) e *pê* (פּ ou sua variante פֿ) – e a *hê* (ה), uma espécie de agá (H) levemente aspirado, considerada pela tradição judaica como a letra primordial da Criação (ver *Bereshit Rabá* 12:10).

Atenção: Enquanto os números derivados das letras *álef* e *lámed* (linha sim, linha não) abarcam os mesmos dígitos da sequência de Fibonacci, as letras *pê* e *hê* preenchem as demais linhas.

Uma observação: Existem quatro letras cujos nomes, de acordo com a Cabalá, podem ser grafadas de duas ou três maneiras diferentes, todas corretas e cada uma delas com sua simbologia específica na meditação cabalística, e essas letras são: *hê* (ה), *vav* (ו), *pê* (פּ) e *tav* (ת).

têm valores numéricos que remetem aos 360 graus da circunferência com a qual o tempo e o espaço são medidos e sobre a qual se aplica o número Pi:

Justiça (<i>tsêdec</i> , צדק) → $90 \times 4 \times 100 = 36.000$
Plenitude/paz (<i>shalem/shalom</i> , שלום) → $300 \times 30 \times 40 = 360.000$
Amor, bondade (<i>chêssed</i> , חסד) → $8 + 60 + 4 = 72 = 36 \times 2$

A relação destas virtudes fundamentais com a circunferência (360 graus), o formato básico da Criação, pode ser explicitada pelo fato de o círculo representar uma distribuição justa e igualitária – desde o centro até seus limites – da luz emanada pelo Criador a partir do centro de sua emanção, conforme consta na doutrina do Ari^{ZAL} (*Ets Chayim* 1:2) referente ao *Tsimtsum* – a chamada “contração da manifestação Divina”:

“Pois é sabido na ciência das métricas que não há formato mais simétrico do que o círculo, diferentemente do quadrado que tem ângulos, assim como o triângulo e outras formas...”

2

A Geometria da Torá

Escondida a sete chaves dos olhos mais atentos, a Geometria sempre esteve presente na Torá. Uma pista de sua presença pode ser vislumbrada pela eleição do número seis, um dos mais úteis no campo desta ciência, para definir o número de dias da Criação material.

Pendurada no “batente”, bem no portão de entrada da Torá, a chave da compreensão geométrica também pode ser encontrada nas seis letras de sua primeira expressão – *Bereshit*, בְּרֵאשִׁית (“No princípio”) –, assim como nas seis palavras hebraicas que concluem cada um dos seis dias do Gênesis:

וַיְהִי עֶרֶב וַיְהִי בֹקֶר יוֹם אֶחָד.

“E foi noite e foi manhã, dia um.”

A respeito da relação do termo inaugural com o número 6 e o conceito de chave, há uma referência interessante a respeito disso na obra *Zôhar* (*Bereshit* 3b):

“... Dentro daqueles portões existe uma maçaneta que tem um espaço pequeno para que seja inserida a chave, e ele não abre a não ser através desta chave...”

“*Bereshit* (בְּרֵאשִׁית) é a chave onde tudo está ocultado. Ela fecha e abre os seis portões...”

Outra indicação do caráter geométrico das Escrituras são os 31 versículos que compõem o relato da obra dos seis dias, todos ini-

ciados pela letra *vav* (ו), que representa o algarismo seis, com a exceção do primeiro, cuja letra inicial é a *bêt* (ב) da palavra *Bereshit*, de valor numérico 2 – e neste caso, escrita em tamanho *dobrado*, talvez para indicar o caráter multiplicador que se segue:

- בְּרֵאשִׁית בְּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ.**
- 1 **וְהָאָרֶץ הָיְתָה תֵהוֹ וְבַהּ וְחֹשֶׁךְ עַל-פְּנֵי תְהוֹם וְרוּחַ אֱלֹהִים מְרַחֶפֶת עַל-פְּנֵי הַמַּיִם.**
 - 2 **וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהי אור; וַיְהי-אור.**
 - 3 **וַיֵּרָא אֱלֹהִים אֶת-הָאֹר כִּי-טוֹב; וַיַּבְדֵּל אֱלֹהִים בֵּין הָאֹר וּבֵין הַחֹשֶׁךְ.**
 - 4 **וַיִּקְרָא אֱלֹהִים לְאֹר יוֹם וְלַחֹשֶׁךְ לַיְלָה; וַיְהי-עֶרֶב וַיְהי-בֹקֶר יוֹם אֶחָד.**
 - 5 **וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהי רְקִיעַ בְּתוֹךְ הַמַּיִם וַיְהי מַבְדִּיל בֵּין מַיִם לְמַיִם.**
 - 6 **וַיַּעַשׂ אֱלֹהִים אֶת-הַרְקִיעַ וַיַּבְדֵּל בֵּין הַמַּיִם אֲשֶׁר מֵעַל לְרְקִיעַ; וַיְהי-כֵן.**
 - 7 **וַיִּקְרָא אֱלֹהִים לְרְקִיעַ שָׁמַיִם; וַיְהי-עֶרֶב וַיְהי-בֹקֶר יוֹם שֵׁנִי.**
 - 8 **וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְקוּ הַמַּיִם מִתַּחַת הַשָּׁמַיִם אֶל-מְקוֹם אֶחָד וְתִרְאֶה הַיַּבְּשָׁה; וַיְהי-כֵן.**
 - 9 **וַיִּקְרָא אֱלֹהִים לַיַּבְּשָׁה אָרֶץ וּלְמַקְוֵה הַמַּיִם קָרָא יַמִּים; וַיֵּרָא אֱלֹהִים כִּי-טוֹב.**
 - 10 **וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים תִּדְשָׂא הָאָרֶץ דָּשָׂא עֵשֶׂב מִזֵּרֵעַ זֶרַע עֵץ פְּרִי עֵשֶׂה פְרִי לְמִינוֹ אֲשֶׁר זֶרַע-בוֹ עַל-הָאָרֶץ; וַיְהי-כֵן.**
 - 11 **וַתּוֹצֵא הָאָרֶץ דָּשָׂא עֵשֶׂב מִזֵּרֵעַ זֶרַע לְמִינֵהוּ וְעֵץ עֵשֶׂה-פְּרִי אֲשֶׁר זֶרַע-בוֹ לְמִינֵהוּ; וַיֵּרָא אֱלֹהִים כִּי-טוֹב.**
 - 12 **וַיְהי-עֶרֶב וַיְהי-בֹקֶר יוֹם שְׁלִישִׁי.**
 - 13 **וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהי מְאֹרֶת בְּרְקִיעַ הַשָּׁמַיִם לְהַבְדִּיל בֵּין הַיּוֹם וּבֵין הַלַּיְלָה; וְהָיוּ לְאֹתֹת וּלְמוֹעֲדִים וּלְיָמִים וּשְׁנָיִם.**
 - 14 **וְהָיוּ לְמְאֹרֹת בְּרְקִיעַ הַשָּׁמַיִם לְהַאִיר עַל-הָאָרֶץ; וַיְהי-כֵן.**
 - 15 **וַיַּעַשׂ אֱלֹהִים אֶת-שְׁנֵי הַמְּאֹרֹת הַגְּדֹלִים: אֶת-הַמְּאֹר הַגָּדֹל לְמַמְשֶׁלֶת הַיּוֹם וְאֶת-הַמְּאֹר הַקָּטָן לְמַמְשֶׁלֶת הַלַּיְלָה וְאֶת הַכּוֹכָבִים.**
 - 16 **וַיִּתֵּן אֹתָם אֱלֹהִים בְּרְקִיעַ הַשָּׁמַיִם לְהַאִיר עַל-הָאָרֶץ.**
 - 17 **וּלְמַשֵּׁל בַּיּוֹם וּבַלַּיְלָה וּלְהַבְדִּיל בֵּין הָאֹר וּבֵין הַחֹשֶׁךְ; וַיֵּרָא אֱלֹהִים כִּי-טוֹב.**
 - 18 **וַיְהי-עֶרֶב וַיְהי-בֹקֶר יוֹם רְבִיעִי.**
 - 19 **וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יִשְׂרָצוּ הַמַּיִם שֶׁרָץ נֶפֶשׁ חַיָּה; וְעוֹף יְעוּפֹף עַל-הָאָרֶץ עַל-פְּנֵי רְקִיעַ הַשָּׁמַיִם.**
 - 20 **וַיֵּבְרָא אֱלֹהִים אֶת-הַתַּיִּנִּים הַגְּדֹלִים; וְאֶת כָּל-נֶפֶשׁ הַחַיָּה הַרְמֹשֶׁת אֲשֶׁר שָׂרָצוּ הַמַּיִם לְמִינֵיהֶם וְאֶת כָּל-עוֹף כָּנָף לְמִינֵהוּ וַיֵּרָא אֱלֹהִים כִּי-טוֹב.**
 - 21 **וַיִּבְרָךְ אֹתָם אֱלֹהִים לֵאמֹר: פְּרוּ וּרְבוּ וּמְלֵאוּ אֶת-הַמַּיִם בַּיַּמִּים וְהָעוֹף יִרְבַּ בָּאָרֶץ.**

- 22 **וַיְהי-עֶרֶב וַיְהי-בֹקֶר יוֹם חַמִּישִׁי.**
- 23 **וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים תּוֹצֵא הָאָרֶץ נֶפֶשׁ חַיָּה לְמִינָהּ בְּהֵמָה וְרֶמֶשׂ וְחַי-תוֹ-אָרֶץ לְמִינָהּ; וַיְהי-כֵן.**
- 24 **וַיַּעַשׂ אֱלֹהִים אֶת-חַיֵּית הָאָרֶץ לְמִינָהּ וְאֶת-הַבְּהֵמָה לְמִינָהּ וְאֶת כָּל-רֶמֶשׂ הָאֲדָמָה לְמִינֵהוּ; וַיֵּרָא אֱלֹהִים כִּי-טוֹב.**
- 25 **וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים נַעֲשֶׂה אָדָם בְּצַלְמֵנוּ כְּדְמוּתֵנוּ; וַיִּרְדּוּ בְדִגְתַּי הַיָּם וּבְעוֹף הַשָּׁמַיִם וּבַבְּהֵמָה וּבְכָל-הָאָרֶץ וּבְכָל-רֶמֶשׂ הָרֹמֵשׂ עַל-הָאָרֶץ.**
- 26 **וַיֵּבְרָא אֱלֹהִים אֶת-הָאָדָם בְּצַלְמוֹ בְּצֶלֶם אֱלֹהִים בְּרָא אֹתוֹ זָכָר וּנְקֵבָה בְּרָא אֹתָם.**
- 27 **וַיִּבְרָךְ אֹתָם אֱלֹהִים וַיֹּאמֶר לָהֶם אֱלֹהִים פְּרוּ וּרְבוּ וּמְלֵאוּ אֶת-הָאָרֶץ וּכְבִשְׁתֶּהּ; וַיִּרְדּוּ בְדִגְתַּי הַיָּם וּבְעוֹף הַשָּׁמַיִם וּבְכָל-חַיָּה הַרְמֹשֶׁת עַל-הָאָרֶץ.**
- 28 **וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים הִנֵּה נֹתְתִי לָכֶם אֶת-כָּל-עֵשֶׂב זֶרַע אֲשֶׁר עַל-פְּנֵי כָל-הָאָרֶץ וְאֶת-כָּל-הָעֵץ אֲשֶׁר-בוֹ פְרִי-עוֹץ זֶרַע זֶרַע: לָכֶם יְהִי לְאֹכֶלָהּ.**
- 29 **וּלְכָל-חַיֵּית הָאָרֶץ וּלְכָל-עוֹף הַשָּׁמַיִם וּלְכָל רֹמֵשׂ עַל-הָאָרֶץ אֲשֶׁר-בוֹ נֶפֶשׁ חַיָּה אֶת-כָּל-יִרְקַע עֵשֶׂב לְאֹכֶלָהּ; וַיְהי-כֵן.**
- 30 **וַיֵּרָא אֱלֹהִים אֶת-כָּל-אֲשֶׁר עָשָׂה וְהִנֵּה-טוֹב מְאֹד; וַיְהי-עֶרֶב וַיְהי-בֹקֶר יוֹם הַשֵּׁשִׁי.**

O significado desses números e da “onipresença” do número seis na obra da Criação poderão ser compreendidos através da seguinte operação, na qual as letras *bêt* (ב) e *vav* (ו), citadas acima, serão substituídas pelos valores numéricos que representam – 2 e 6, respectivamente:

$$2 \times (30 \text{ versículos} \times 6) =$$

$$2 \times (30 \times 6) = 360$$

360 é precisamente o número de graus da circunferência sobre o qual está baseado o nosso sistema de medição de tempo e espaço, as duas dimensões que diferenciam a existência material da espiritual. Uma das mais importantes referências para que se possa compreender os enigmas de *Bereshit* e de toda a Torá, o número 360, relacionado aos sumérios e à região da Mesopotâmia – pátria do patriarca Abraão – como uma genial convenção cultural de povos locais, aparecerá, de modo surpreendente, nos bastidores matemáticos das histórias da Torá, o que nos faz supor ser o seu Autor a Fonte real de toda esta sabedoria.

ativos na multiplicação, ignorando para este fim o zero. Isso significa, por exemplo, que 36 equivalerá a 360, bem como a 3.600, 36.000.000 etc.

3

Os seis dias da Criação

DIA UM

בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ. וְהָאָרֶץ הִיְתָה תֵהוֹ-
וּבְהוֹ וְחֹשֶׁךְ עַל-פְּנֵי תְהוֹם וְרוּחַ אֱלֹהִים מְרַחֶפֶת עַל-פְּנֵי הַמַּיִם. וַיֹּאמֶר
אֱלֹהִים יְהִי אוֹר, וַיְהִי-אוֹר. וַיֵּרָא אֱלֹהִים אֶת-הָאוֹר כִּי-טוֹב, וַיַּבְדֵּל
אֱלֹהִים בֵּין הָאוֹר וּבֵין הַחֹשֶׁךְ. וַיִּקְרָא אֱלֹהִים לְאוֹר יוֹם וְלַחֹשֶׁךְ קָרָא
לַיְלָה, וַיְהִי-עֶרֶב וַיְהִי-בֹקֶר יוֹם אֶחָד.

“No princípio criou Deus os céus e a terra. E a terra era vã e vazia, e (havia) escuridão sobre a face do abismo, e o espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: ‘Seja luz!’ E foi luz. E viu Deus a luz que (era) boa; e separou Deus entre a luz e a escuridão. E chamou Deus à luz, dia, e à escuridão chamou noite; e foi tarde e foi manhã, dia um.”

Gênesis 1:1-5

Ao meditar sobre os 5 versículos do primeiro dia do Gênesis, é possível identificar em suas métricas um padrão matemático: o primeiro versículo, composto por 7 palavras, possui nas 14 palavras do segundo versículo o seu dobro, e o mesmo acontece entre o terceiro e quarto versículos, compostos consecutivamente por 6 e 12 termos.

Já o quinto e último versículo totaliza treze vocábulos, número que representa a soma das palavras do primeiro e do terceiro versículos.

Se também for incluída nessa análise a quantidades de letras, além de reforçar a percepção matemática será possível encontrar indicações aos marcos temporais dos dias, das semanas e dos meses, confirmando a função estrutural dos números e do tempo nos bastidores da Torá, pois:

O primeiro versículo, composto por 7 palavras e 28 letras, remete aos 7 dias da semana e às 4 semanas do mês, e o segundo versículo, com suas 52 letras, alude ao número das semanas contidas no ano (52 x 7 = 364). Estas referências ao ciclo semanal são extremamente relevantes à medida em que dialogam com a dimensão explícita do texto que trata da Criação, efetuada no marco temporal de sete dias mais importante da Torá!

letras	palavras		versículo
28	7	בְּרֵאשִׁית ¹ בָּרָא ² אֱלֹהִים ³ אֶת ⁴ הַשָּׁמַיִם ⁵ וְאֶת ⁶ הָאָרֶץ ⁷	1
52	14	וְהָאָרֶץ ⁸ הַיְתֵרָה ⁹ תְּהוּ ¹⁰ וּבְהוּ ¹¹ וְחֹשֶׁךְ ¹² עַל ¹³ פְּנֵי ¹⁴ תְהוֹם ¹⁵ וְרוּחַ ¹⁶ אֱלֹהִים ¹⁷ מְרַחֶפֶת ¹⁸ עַל־ ¹⁹ פְּנֵי ²⁰ הַמַּיִם ²¹	2
23	6	וַיֹּאמֶר ²² אֱלֹהִים ²³ יְהי ²⁴ אור ²⁵ וַיְהי ²⁶ אור ²⁷	3
45	12	וַיֵּרָא ²⁸ אֱלֹהִים ²⁹ אֶת ³⁰ הָאֹרֶךְ ³¹ כִּי ³² טוֹב ³³ וַיַּבְדֵּל ³⁴ אֱלֹהִים ³⁵ בֵּין ³⁶ הָאֹרֶךְ ³⁷ וּבֵין ³⁸ הַחֹשֶׁךְ ³⁹	4
49	13	וַיִּקְרָא ⁴⁰ אֱלֹהִים ⁴¹ לְאֹרֶךְ ⁴² יוֹם ⁴³ וְלַחֹשֶׁךְ ⁴⁴ קֶרָא ⁴⁵ לַיְלִיָּה ⁴⁶ וַיְהי ⁴⁷ עֶרֶב ⁴⁸ וַיְהי ⁴⁹ בֹקֶר ⁵⁰ יוֹם ⁵¹ אֶחָד ⁵²	5
197	52		TOTAL

Já o quarto e o quinto versículos, com suas 12 e 13 palavras respectivamente, indicam os números dos meses do calendário hebraico que, por ser lunissolar, necessita de um 13º mês de três em três anos (aproximadamente) para compensar a defasagem de 10 dias do ano lunar (de 355 dias) para o solar (de 365 dias) – o chamado “ano embolísmico”. Em relação ao quinto versículo, suas 49 letras se relacionam com os ciclos bíblicos de Sete Semanas (Pentecostes)

e do Jubileu da terra, compostos respectivamente pelo quadrado de sete semanas e sete anos (Levítico 23:15 e 25:8).

Assim como os números dos versículos, também o total de palavras do primeiro dia (52) é simbólico, pois, além de aludir novamente às 52 semanas do ano, relaciona-se com o valor numérico do Tetragrama (ה'ו'ה' → 10 + 5 + 6 + 5 = 26) – o Nome Inefável do Eterno – que parece dividir a passagem em duas metades de 26 palavras: a primeira, finalizando no termo *vaihi* (“e foi (luz)”, וַיְהי) cujas letras são praticamente as mesmas do Tetragrama, e a segunda terminando no termo *echad* (“(dia) um”, אֶחָד), bíblicamente utilizado para se referir ao Criador, como no Deuteronômio 6:4: “o Eterno é um!”

Após aludir as múltiplas manifestações do tempo, a Torá finaliza o relato do primeiro dia chamando-o de dia *um*, ao invés de utilizar o modo ordinal, como nos demais dias (segundo dia, terceiro dia etc). O objetivo é ressaltar a origem una de toda a multiplicidade recém criada. Conhecimento essencial para o sucesso da missão humana perante o Criador e os demais seres criados, o selo da unidade também pode ser encontrado no número das 13 palavras do último versículo, idêntico ao valor numérico da sua última palavra: “um” (*echad*, אֶחָד → 1 + 8 + 4 = 13).

וַיִּקְרָא¹ אֱלֹהִים² לְאֹרֶךְ³ יוֹם⁴ וְלַחֹשֶׁךְ⁵ קֶרָא⁶ לַיְלִיָּה⁷
וַיְהי⁸ עֶרֶב⁹ וַיְהי¹⁰ בֹקֶר¹¹ יוֹם¹² אֶחָד¹³

“E chamou Deus à luz, dia, e à escuridão chamou noite; e foi tarde e foi manhã, dia um.”

Este mesmo padrão se repete nos outros dois versículos da Criação onde o termo “um” (*echad*, אֶחָד) aparece no sentido de união:

וַיֹּאמֶר¹ אֱלֹהִים² יְקוּמוּ³ הַמַּיִם⁴ מִתַּחַת⁵ הַשָּׁמַיִם⁶ אֶל־⁷מְקוֹמָם⁸ אֶחָד⁹
וַיִּתְרָא¹⁰ הַיַּבְשָׁה¹¹ וַיְהי¹² כֵּן¹³

“E disse Deus: “Juntem-se as águas debaixo dos céus em **um** (*echad*) lugar, e se veja o (elemento) seco!” E foi assim.”

Gênesis 1:9

על¹ כן² יעזב³ איש⁴ את⁵ אביו⁶ ואת⁷ אמו⁸ וידבק⁹ באשתו¹⁰ והיו¹¹ לבשר¹² אחד¹³

“Portanto deixará o homem a seu pai e sua mãe, e unir-se-á à sua mulher, e serão **uma (echad)** (só) carne.”

Gênesis 2:24

Séculos após a entrega da Torá, esta mesma composição numérica apareceria novamente em um dos mais impactantes versículos referentes à unicidade de Deus (Zacarias 14:9):

והיה¹ יהוה² למלך³ על⁴ כל⁵ הארץ⁶
ביום⁷ ההוא⁸ יהיה⁹ יהוה¹⁰ אחד¹¹ ושמו¹² אחד¹³

“E o Eterno será Rei sobre toda a terra; naquele dia, o Eterno será um e Seu nome, **um (echad)**.”

Também na *guemátria* do famoso versículo do Deuteronômio 6:4: “Escuta, Israel! O Eterno é nosso Deus (**Elohim**), o Eterno é **um!**”, cuja soma totaliza 1118, o número da unicidade (13) pode ser identificado como o multiplicador do valor numérico do termo “Deus” (*Elohim*) sem o sufixo possessivo (86), ilustrando matematicamente o conceito tratado nas letras da passagem: 13 x 86 = 1118

Assinatura da obra

Além das alusões citadas acima, é possível encontrar o Tetragrama sagrado codificado logo no texto do primeiro dia, de 22 em 22 letras, numa provável alusão às 22 letras do alfabeto hebraico – os “átomos” utilizados pelo Eterno na Criação do Universo.

בראשית ברא אלהים את השמים ואת הארץ והארץ היתה תהו ובהו וחשך על פני תהום ורוח אלהים מרחפת על פני המים ויאמר אלהים יהי אור ויהי אור וירא אלהים את האור כי טוב ויבדל אלהים בין האור ובין החשך ויקרא אלהים לאור יום ולחשך קרא לילה ויהי ערב ויהי בקר יום אחד

Para identificar esse código, deve-se iniciar a contagem de 22 letras na letra seguinte à *iod* (י) da palavra *penê* (פני) e chega-se à letra *hê* (ה) de *vaihi* (ויהי), depois conta-se mais 22 letras e chega-se à *vav* (ו)

de *tov* (טוב), e mais 22 letras e chega-se à *hê* (ה) de *hachôshech* (החשך), o que forma então o Nome Inefável (יהוה) do Eterno (R. Ginsburgh).

Um dos elementos mais notáveis deste código é que ele abarca, ao todo, exatamente 70 letras (3 x 22 = 66 mais as quatro que formam o Tetragrama). Ou seja, trata-se de mais uma sequência envolvendo o número sete no texto do dia que abre a primeira semana (sete dias) da História.

Ao reunir o Tetragrama – cujo valor numérico é 26 – e o número 70 num mesmo código, a Torá está convidando a se conhecer mais um de seus fantásticos segredos: o número **1820**, resultado da multiplicação 70 x 26, que é o exato número de vezes que o Tetragrama sagrado aparece na Torá – conforme revelou o Rabino Zalman Pinchas Hurwits em sua obra *Ahavat Hatorá*.

Este valor, que no sub texto representará a Presença Divina, conforme será visto mais adiante, também está codificado na primeira palavra da Torá e nos nomes das letras das palavras “vinte” e “seis”, que definem o valor numérico do Tetragrama.

Para se obter estas informações, utiliza-se o sistema de *Milui Otiot*, citado anteriormente, pelo qual se escreve por extenso os nomes das letras que compõem uma dada palavra de modo a acessar seus segredos mais ocultos:

Nome das letras que a compõem a palavra Bereshit – (“No princípio”) – בראשית																	
<i>bet, resh, álef, shin, iod, tav</i> בית, ריש, אלף, שין, יוד, תאו																	
ו	א	ת	ד	ו	י	ן	י	ש	ף	ל	א	ש	י	ר	ת	י	ב
6	1	400	4	6	10	50	10	300	80	30	1	300	10	200	400	10	2
TOTAL = 1820																	

No cálculo a seguir, a letra conectiva *vav* (ו), equivalente à conjunção “e” de “vinte (e) seis” é excluída, por não fazer parte do nome dos números em si:

Nome das letras que a compõem a palavra Esrim (ve) shesh – (“vinte [e] seis”) – עשרים [ו]שש																			
áyin, sin, resh, iod, mem, shin, shin עין שין ריש יוד מם שין שין																			
ו	י	ש	ו	י	ש	מ	מ	ד	ו	י	ש	י	ר	ו	י	ש	ו	י	ע
50	10	300	50	10	300	40	40	4	6	10	300	10	200	50	10	300	50	10	70
TOTAL = 1820																			

Ao mesmo tempo em que representa a multiplicação do número 26 pelo 70, 1820 simboliza o número de dias contido na metade das semanas do ano (182).

Esta relação entre o 182 e o ano fica estabelecida na conexão existente entre as idades com a qual Lémech gerou seu filho Noé – 182 – e o total de anos vivido por seu avô Chanôch – 365 (Gênesis 5:28 e 23).

Isto demonstra novamente a presença estrutural do fator tempo em todo o sub texto das Escrituras, fator este, que como será visto mais adiante, está intrinsecamente relacionado com o significado do Tetragrama sagrado.

1820 versículos depois do início da Torá, em Êxodo 12:3, aparecerá o primeiro versículo no qual uma data relacionada à uma comemoração é citada, e este versículo vem logo após o citado pelo exegeta Rashi no seu primeiro e clássico comentário sobre a Torá (Gênesis 1:1), como aquele que deveria ter aberto toda a Torá, por se tratar do primeiro preceito recebido coletivamente pelo povo de Israel.

Esse preceito se relaciona com a identificação do mês da libertação dos hebreus do cativo egípcio como o primeiro do ano. E a conexão com os segredos contidos no sub texto do primeiro dia, no qual aparecem inclusive referências aos dois tipos de anos – de 12 ou 13 meses –, é fácil de ser identificada.

A busca da unicidade como meta e o amor como instrumento

A ênfase na unidade da qual toda a Criação se origina relaciona-se de modo intrínseco com a missão proposta pelo Criador aos seres humanos, que envolve a formação de uma sociedade baseada na justiça e na fraternidade, cuja maior expressão é o versículo do Levítico 19:18 que diz: “E amarás o próximo como a ti mesmo.”

Expressão maior da unicidade entre os seres humanos e entre a humanidade e o Criador, o termo “amor” (*ahavá*, אָהַבָּה) também tem o valor numérico 13 (1 + 5 + 2 + 5 = 13) e se relaciona com a unicidade expressa na palavra “um” (*echad*, אֶחָד → 1 + 8 + 4 = 13).

A marca da unidade nos grande ciclos

Em determinadas passagens da Torá, o número 1 – referente à unicidade Divina – aparecerá adicionado ao número dos grandes ciclos, indicando uma influência especial do Criador nos mesmos. Por exemplo, o número 1 adicionado pela natureza aos 364 dias que compõem as 52 semanas do ano, totalizando 365, e os números 270 e 271, que simbolizam, respectivamente, os dias contidos nos 9 meses da gestação e o valor numérico na palavra “gestação” (*heraiôn*, הַרְיוֹן → 5 + 200 + 10 + 6 + 50 = 271).

O nome da obra

E como se não bastasse constar no texto referências ao Nome do Autor, ao processo da gestação/criação e às matérias-primas do tempo utilizadas, o primeiro dia de Gênesis contém também o nome da obra, a *Torá* (תּוֹרָה), codificado de 49 em 49 letras, ou seja, sete ao quadrado.

בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ וְהָאָרֶץ הָיְתָה תֵהוֹ וּבְהוֹ וַחֲשֹׁךְ
עַל פְּנֵי תְהוֹם וְרוּחַ אֱלֹהִים מְרַחֶפֶת עַל פְּנֵי הַמַּיִם וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי אוֹר וַיְהִי
אוֹר וַיִּבְרָא אֱלֹהִים אֶת הָאוֹר כִּי טוֹב וַיַּבְדֵּל אֱלֹהִים בֵּין הָאוֹר וּבֵין הַחֹשֶׁךְ וַיִּקְרָא
אֱלֹהִים לְאוֹר יוֹם וְלַחֹשֶׁךְ קִרְא לַיְלָה וַיְהִי עֶרֶב וַיְהִי בֹקֶר יוֹם אֶחָד